Entrevista com Estaline

por

H.G. Wells

Amadora, 2025
www.libertaria.pt

ÍNDICE

Em 1934, H. G. Wells chegou a Moscovo para se encontrar com escritores soviéticos interessados em aderir ao Clube Internacional PEN, do qual era então presidente. Durante a sua estada, Estaline concedeu-lhe uma entrevista. A conversa, marcada por deferência, foi criticada por J. M. Keynes, George Bernard Shaw e outros, nas páginas da *New Statesman*. Foi publicada pela primeira vez como suplemento especial da *New Statesman* a 27 de Outubro de 1934.

NOTA DO EDITOR

Tentamos, na medida do possível, adaptar a nossa tradução a um português mais próximo do da época, para lhe conceber o tom histórico que esta entrevista merece e também de modo a que os leitores percebessem que as ideias ali patentes estão na sua maioria datadas e até obsoletas, como constatarão no tom optimista com que Wells se refere ao *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt, vendo neste a entrada dos Estados Unidos da América numa via para o socialismo em 1933.

Tal não é inédito nos autores socialistas da época, encontramos o mesmo optimismo na obra *O Primeiro de Maio* do socialista português Sebastião de Magalhães Lima (Edições Libertária, 2022).

Estavam Wells e Lima bem distantes da actualidade dos Estados Unidos pós-modernos, que com Donald Trump avançam a passo de marcha na via, isso sim, para um novo fascismo neo-liberal, autoritário e distópico, liderado por bilionários e por milionários envoltos num tecnofeudalismo impulsionado pelas redes sociais e pelo comércio *online*.

Nesta entrevista, Wells assume fervorosamente o papel de apaixonado reformista social-democrata, criticando a retórica da violência e a recusa da colaboração entre as classes por parte dos comunistas.

Pois bem, passados 91 anos verificamos que Wells, tal como Eduard Bernstein, estavam errados. A social-democracia e a Terceira Via não conseguiram qualquer conquista de relevo para as classes trabalhadoras, a Internacional Socialista e os vários partidos socialistas que a integram assimilaram no seu corpo doutrinário o capitalismo e o liberalismo como sendo a única via possível e a exploração das classes trabalhadoras como sendo o único mundo possível.

Chegados à segunda década do século XXI, a qualidade de vida dos trabalhadores sofreram um retrocesso gigantesco, voltamos todos a ser praticamente escravos, uns endividados aos bancos e os outros a terem de, como nos piores momentos da História da humanidade, viver em casas com uma família em cada quarto, pois nenhuma família consegue sequer alugar uma casa própria.

Neste volume temos duas visões contrastantes dos socialismos, a revolucionária (de Estaline) e a reformista (de Wells), ambas falharam, ambas sucumbiram aos ventos da História, uma foi derrotada e a outra tornou-se colaboracionista ou até parte da elite dominante e esclavagista.

Note-se que já em 1943 tanto Estaline como Wells julgavam que o sistema estava a colapsar, em queda. Lamento informar, mas tal era falso na altura e continua a ser falso agora: o sistema está a funcionar exactamente como era suposto, está no seu auge, o objectivo era mesmo este, um novo feudalismo onde os trabalhadores vivem aterrorizados com o medo da fome e o estatuto de sem-abrigo que o desemprego lhes trará.

Talvez compreendam por que razão um projecto editorial libertário optou por editar uma obra que dá voz a Estaline, que perseguiu e chacinou os libertários russos após, num primeiro momento, terem participado eles também na Revolução de Outubro.

Era necessário recordar este contraste, é necessário perceber que o comunismo foi derrotado e a social-democracia se tornou parte do sistema capitalista que nos oprime, o reformismo é impossível (veja-se como os respectivos partidos afastaram Jeremy Corbyn no Reino Unido e Bernie Sanders nos Estados Unidos), a única via que ainda não foi testada, a única via que ainda nos pode valer, é a do socialismo libertário!

Flávio Gonçalves
25 de Abril de 2025

A ENTREVISTA

Estou-lhe profundamente agradecido, senhor Estaline, por ter acedido a receber-me. Estive recentemente nos Estados Unidos. Tive uma longa conversa com o Presidente Roosevelt e procurei apurar quais eram as suas ideias directrizes. Agora vim perguntar-lhe o que está a fazer para mudar o mundo...

Não muito.

Percorro o mundo como um homem vulgar e, como tal, observo o que se passa à minha volta.

Os homens públicos importantes, como vós, não são "homens vulgares". Claro que só a História pode determinar quão importante foi este ou aquele homem público; em todo o caso, não vedes o mundo como um "homem vulgar".

Não estou a fingir humildade. Quero dizer que procuro ver o mundo pelos olhos do homem comum, e não como um militante partidário ou com a responsabilidade de um administrador. A minha visita aos Estados Unidos despertou-me o espírito. O velho mundo financeiro está em colapso; a vida económica do país está a ser reorganizada sobre novas bases.

Lenine costumava dizer: "temos de aprender a fazer negócios", aprender isso com os capitalistas. Hoje, são os capitalistas que têm de aprender convosco, de apreender o espírito do socialismo. Parece-me que o que está a acontecer nos Estados Unidos é uma reorganização profunda, a criação de uma economia planificada, isto é, socialista. Vós e Roosevelt partis de pontos de partida diferentes. Mas não haverá entre vós uma relação de ideias, um parentesco de ideias, entre Moscovo e Washington?

Em Washington, impressionou-me o mesmo que observo aqui: estão a construir gabinetes, a criar numerosos organismos de regulação estatal, a organizar uma função pública há muito necessária. A carência deles, como a vossa, é de capacidade directiva.

A AMÉRICA E A RÚSSIA

Os Estados Unidos seguem um objectivo diferente daquele que prosseguimos na URSS. O objectivo que os americanos perseguem surgiu dos seus problemas económicos, da crise económica. Os americanos querem libertar-se da crise com base na actividade capitalista privada, sem alterar a sua base económica. Procuram reduzir ao mínimo a ruína, as perdas causadas pelo sistema económico ali existente.

Aqui, porém, como sabe, em vez da arruinada anterior base económica, foi criada uma base completamente diferente, nova. Mesmo que os americanos que menciona atinjam parcialmente o seu objectivo, isto é, reduzam essas perdas ao mínimo, não destruirão as raízes da anarquia inerente ao actual sistema capitalista. Estão a conservar o sistema económico que deve inevitavelmente conduzir, e não pode senão conduzir, à anarquia na produção. Assim, na melhor das hipóteses, tratar-se-á não da reorganização da sociedade, não da supressão do velho sistema social que gera anarquia e crises, mas de limitar alguns dos seus excessos. Subjectivamente, talvez esses americanos pensem estar a reorganizar a sociedade; objectivamente, contudo, estão a conservar os alicerces actuais da sociedade. Por isso, objectivamente, não haverá reorganização da sociedade.

Também não haverá economia planificada. O que é a economia planificada? Quais são algumas das suas características? A economia planificada procura abolir

o desemprego. Suponhamos que é possível, mantendo o sistema capitalista, reduzir o desemprego a um certo mínimo. Mas, certamente, nenhum capitalista aceitaria jamais a completa abolição do desemprego, a supressão do exército de reserva dos desempregados, cuja finalidade é exercer pressão sobre o mercado de trabalho, garantir mão-de-obra barata. Nunca se conseguirá forçar um capitalista a suportar o prejuízo nem a aceitar uma taxa de lucro menor em nome da satisfação das necessidades do povo.

Sem eliminar os capitalistas, sem abolir o princípio da propriedade privada dos meios de produção, é impossível criar uma economia planificada.

Concordo com muito do que dissestes. Mas gostaria de frisar que, se um país adoptar no seu conjunto o princípio da economia planificada, se o governo começar gradualmente, passo a passo, a aplicar esse princípio de forma coerente, a oligarquia financeira acabará por ser abolida e o socialismo, no sentido anglo-saxónico da palavra, instaurar-se-á.

O efeito das ideias do *New Deal* de Roosevelt é fortíssimo e, a meu ver, são ideias socialistas. Parece-me que, em vez de acentuarmos o antagonismo entre os dois mundos, deveríamos, nas circunstâncias actuais, esforçar-nos por estabelecer uma linguagem comum entre todas as forças construtivas.

Ao falar da impossibilidade de realizar os princípios de uma economia planificada mantendo os fundamentos económicos do capitalismo, não pretendo de modo algum diminuir as qualidades pessoais excepcionais de Roosevelt — a sua iniciativa, a sua

coragem, a sua determinação. Indubitavelmente, Roosevelt destaca-se como sendo uma das figuras mais fortes entre todos os capitães do mundo capitalista contemporâneo. É por isso que desejo, mais uma vez, frisar que a minha convicção de que é impossível uma economia planificada sob as condições do capitalismo não significa que tenha qualquer dúvida quanto às capacidades pessoais, ao talento e à coragem do presidente Roosevelt.

Mas se as circunstâncias forem desfavoráveis, o mais talentoso dos capitães não conseguirá alcançar o objectivo de que falais. Teoricamente, claro está, a possibilidade de se avançar gradualmente, passo a passo, nas condições do capitalismo, rumo ao objectivo a que chamais socialismo, no sentido anglo-saxónico do termo, não está excluída. Mas que "socialismo" será esse? No melhor dos casos, conter-se-ão até certo ponto os representantes mais desenfreados do lucro capitalista, ampliar-se-á um pouco a aplicação do princípio da regulação na economia nacional. Tudo isso é muito bom. Mas assim que Roosevelt, ou qualquer outro capitão do mundo burguês contemporâneo, tentar empreender algo de sério contra os alicerces do capitalismo, sofrerá inevitavelmente uma derrota completa. Os bancos, as indústrias, as grandes empresas, as grandes quintas, nada disso está nas mãos de Roosevelt. Tudo isso é propriedade privada. As estradas de ferro, a marinha mercante — tudo isso pertence a proprietários privados. E, finalmente, o exército de operários qualificados, os engenheiros, os técnicos — também não estão às ordens de Roosevelt, mas às ordens dos proprietários privados; todos eles trabalham para os proprietários privados.

Não devemos esquecer as funções do Estado no mundo burguês. O Estado é uma instituição que organiza a defesa do país, mantém a "ordem", é um aparelho de cobrança de impostos. O Estado capitalista pouco se ocupa da economia no sentido rigoroso da palavra; esta não está nas mãos do Estado. Pelo contrário, é o Estado que está nas mãos da economia capitalista. Eis por que receio que, apesar de toda a sua energia e capacidades, Roosevelt não alcance o objectivo que mencionais — se é que, de facto, esse é o seu objectivo. Talvez, ao longo de várias gerações, se possa aproximar desse objectivo; mas pessoalmente creio que nem isso é muito provável.

SOCIALISMO E INDIVIDUALISMO

Talvez eu acredite mais firmemente do que vós na interpretação económica da política. Forças imensas, que lutam por uma melhor organização, por um funcionamento mais eficaz da comunidade, ou seja, pelo socialismo, foram postas em acção pela invenção e pela ciência moderna. A organização e a regulamentação da acção individual tornaram-se uma necessidade mecânica, independentemente das teorias sociais.

Se começarmos pelo controlo estatal dos bancos e prosseguirmos com o controlo das grandes indústrias, da indústria em geral, do comércio, etc., esse controlo total será equivalente à propriedade estatal de todos os ramos da economia nacional.

O socialismo e o individualismo não são opostos como o preto e o branco. Existem muitas etapas intermédias entre ambos. Há um individualismo que roça o banditismo, e há disciplina e organização que equivalem ao socialismo.

A introdução da economia planificada depende, em grande medida, dos organizadores da economia, da *intelligentsia* técnica qualificada, que pode, passo a passo, ser convertida aos princípios socialistas de organização. E isso é o mais importante, porque a organização precede o socialismo. É o facto mais relevante. Sem organização, a ideia socialista não passa de uma ideia.

Não existe, nem deve existir, um contraste inconciliável entre o indivíduo e o colectivo, entre os interesses da pessoa individual e os interesses do colectivo. Não deve haver tal contraste, porque o colectivismo, o socialismo, não nega, mas conjuga os interesses individuais com os interesses do colectivo. O socialismo não se pode abstrair dos interesses individuais.

Só a sociedade socialista pode satisfazer plenamente esses interesses pessoais. Mais ainda, só a sociedade socialista pode salvaguardar firmemente os interesses do indivíduo. Neste sentido, não existe oposição inconciliável entre o individualismo e o socialismo.

Mas poderemos negar o contraste entre classes, entre a classe dos possidentes, a classe capitalista, e a classe dos trabalhadores, a classe proletária?

De um lado temos a classe dos possidentes, que detém os bancos, as fábricas, as minas, os transportes, as plantações nas colónias. Estes indivíduos não vêem senão os seus próprios interesses, a sua ânsia de lucros. Não se submetem à vontade do colectivo; procuram subordinar todo o colectivo à sua vontade.

Do outro lado temos a classe dos pobres, a classe explorada, que não possui fábricas nem oficinas, nem bancos, e que é obrigada a viver vendendo a sua força de trabalho aos capitalistas, sem ter sequer oportunidade de satisfazer as suas necessidades mais elementares.

Como poderão tais interesses e aspirações opostos ser conciliados? Tanto quanto sei, Roosevelt não conseguiu encontrar a via da conciliação entre esses

interesses. E isso é impossível, como a experiência tem demonstrado.

Aliás, conheceis melhor do que eu a situação nos Estados Unidos, pois nunca lá estive e acompanho os assuntos americanos sobretudo pela literatura.

Mas tenho alguma experiência na luta pelo socialismo, e essa experiência diz-me que, se Roosevelt fizer uma tentativa séria de satisfazer os interesses da classe proletária à custa da classe capitalista, esta substituirá este presidente por outro. Os capitalistas dirão: os presidentes vêm e vão, mas nós estaremos sempre aqui; se este ou aquele presidente não proteger os nossos interesses, arranjaremos outro. Que poderá o presidente opor à vontade da classe capitalista?

Oponho-me a essa classificação simplista da humanidade em pobres e ricos. Claro que há uma categoria de pessoas que só procura o lucro. Mas essas pessoas não são consideradas, no Ocidente, tanto como aqui, um incómodo? Não haverá no Ocidente bastantes pessoas para quem o lucro não é um fim em si mesmo, que possuem uma certa riqueza, que desejam investir e obter dela um rendimento, mas que não fazem disso o seu objectivo supremo?

A meu ver, há uma classe numerosa de indivíduos que reconhece que o sistema actual é insatisfatório, e que está destinada a desempenhar um papel importante na futura sociedade capitalista.

Nos últimos anos tenho-me dedicado muito à reflexão sobre a necessidade de fazer propaganda

em favor do socialismo e do cosmopolitismo junto de amplos círculos de engenheiros, aviadores, técnicos militares, etc. É inútil aproximar esses meios com uma propaganda de luta de classes feita a dois tempos. Essas pessoas compreendem o estado do mundo. Compreendem que é uma barafunda sangrenta, mas consideram a vossa retórica simples do antagonismo de classes um disparate.

Opondes-vos à classificação simplificada entre ricos e pobres. Naturalmente, existe um estrato intermédio, há a *intelligentsia* técnica que mencionastes, entre a qual há pessoas muito boas e muito honestas. Há também desonestos e maus; há de tudo entre eles.

Mas, antes disso, a humanidade divide-se entre ricos e pobres, entre proprietários e explorados; abstrair-se desta divisão fundamental e do antagonismo entre ricos e pobres é abstrair-se do facto mais essencial.

Não nego a existência dos estratos médios e intermédios, que ora tomam o partido de uma, ora da outra das duas classes em conflito, ou que adoptam uma posição neutra ou semi-neutra na luta. Mas, repito, abstrair-se desta divisão fundamental da sociedade e da luta fundamental entre as duas principais classes é ignorar os factos. A luta prossegue e continuará. O desfecho será determinado pela classe proletária — pela classe trabalhadora.

Mas não haverá muitos que, não sendo pobres, trabalham e trabalham de forma produtiva?

Claro que há pequenos proprietários rurais, artesãos, pequenos comerciantes — mas não são essas

pessoas que decidem o destino de um país, e sim as massas trabalhadoras que produzem todas as coisas de que a sociedade necessita.

Mas há diferentes tipos de capitalistas. Há capitalistas que só pensam em lucros, em enriquecer; mas há também os que estão dispostos a fazer sacrifícios. Tomai, por exemplo, o velho [J. P.] Morgan. Só pensava em lucro; era um parasita da sociedade, acumulava riqueza e nada mais.

Mas tomai [John D.] Rockefeller. É um organizador brilhante; deu um exemplo de como organizar a distribuição de petróleo digno de ser imitado.

Ou tomai [Henry] Ford. Naturalmente, Ford é egoísta. Mas não será ele um organizador apaixonado da produção racionalizada, de quem aprendeis lições?

Gostaria de sublinhar que, recentemente, ocorreu uma mudança importante de opinião quanto à URSS nos países de língua inglesa. A principal razão disso é, antes de mais, a situação no Japão e os acontecimentos na Alemanha. Mas há outras razões além das que derivam da política internacional. Há uma razão mais profunda: o reconhecimento, por muitas pessoas, de que o sistema baseado no lucro privado está em colapso.

Nestas circunstâncias, parece-me que não devemos colocar em primeiro plano o antagonismo entre os dois mundos, mas procurar reunir todas as correntes construtivas, todas as forças construtivas numa só direcção, tanto quanto possível.

Parece-me, senhor Estaline, que estou mais à esquerda do que vós; penso que o velho sistema está mais próximo do fim do que vós pensais.

A CLASSE DOS TÉCNICOS

Ao falar dos capitalistas que se empenham apenas no lucro, apenas em enriquecer, não quero com isso dizer que sejam pessoas totalmente inúteis, incapazes de qualquer outra coisa. Muitos deles possuem, sem dúvida, um grande talento organizador, o que não me ocorre sequer negar.

Nós, o povo soviético, aprendemos muito com os capitalistas. E Morgan, a quem caracterizais tão desfavoravelmente, era indubitavelmente um bom e competente organizador.

Mas se vos referis a pessoas dispostas a reconstruir o mundo, é evidente que não as encontrareis nas fileiras daqueles que servem fielmente a causa do lucro. Nós e eles encontramo-nos em pólos opostos.

Mencionastes Ford. Naturalmente, é um organizador capaz da produção. Mas não conheceis a sua atitude para com a classe operária? Não sabeis quantos operários ele lança para a rua? O capitalista está acorrentado ao lucro, e nenhuma força sobre a Terra poderá arrancá-lo dessa obsessão.

O Capitalismo será abolido, não pelos "organizadores" da produção, nem pela *intelligentsia* técnica, mas pela classe operária, porque os estratos mencionados não desempenham um papel independente. O engenheiro, o organizador da produção, não trabalha como gostaria, mas sim segundo ordens, de forma a servir os interesses dos seus empregadores. Há, naturalmente, excepções; há,

neste estrato, pessoas que despertaram da embriaguez capitalista. A *intelligentsia* técnica pode, sob certas condições, operar milagres e trazer grandes benefícios à humanidade. Mas também pode causar grandes danos.

Nós, o povo soviético, temos já considerável experiência com a *intelligentsia* técnica. Após a Revolução de Outubro, certa parte da *intelligentsia* técnica recusou-se a participar na obra de construção da nova sociedade; opôs-se-lhe, sabotou-a.

Fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance para integrar essa intelligentsia técnica no trabalho de edificação; experimentámos de uma forma e de outra. Passou-se muito tempo até que a nossa *intelligentsia* técnica aceitasse colaborar activamente com o novo regime.

Hoje, a melhor parte dessa *intelligentsia* técnica encontra-se na vanguarda dos construtores da sociedade socialista.

Com tal experiência, estamos longe de subestimar as qualidades e os defeitos da *intelligentsia* técnica, e sabemos que, por um lado, ela pode causar dano, e por outro, realizar "milagres".

Naturalmente, tudo seria diferente se fosse possível, de um só golpe, arrancar espiritualmente a *intelligentsia* técnica ao mundo capitalista. Mas isso é uma utopia.

Haverá muitos, entre a *intelligentsia* técnica, que se atrevam a romper com o mundo burguês e a começar a trabalhar na reconstrução da sociedade? Pensais que há muitos desses, digamos, em Inglaterra ou em França? Não; são poucos os que estariam dispostos a romper com os seus patrões e a começar a reconstrução do mundo.

A CONQUISTA DO PODER

Além disso, poderemos nós perder de vista o facto de que, para transformar o mundo, é necessário possuir o poder político? Parece-me, senhor Wells, que vós subestimais grandemente a questão do poder político, que ela está inteiramente ausente da vossa concepção.

Que podem fazer aqueles que, mesmo com as melhores intenções do mundo, não são capazes de colocar a questão da conquista do poder e não o possuem? No melhor dos casos, podem ajudar a classe que conquistar o poder, mas não podem eles próprios mudar o mundo. Isso só pode ser feito por uma grande classe que tome o lugar da classe capitalista e se torne a classe soberana, como esta o fora antes. Essa classe é a classe operária.

Naturalmente, é necessário contar com a colaboração da *intelligentsia* técnica; e esta, por sua vez, deve ser auxiliada. Mas não se deve pensar que a *intelligentsia* técnica possa desempenhar um papel histórico independente.

A transformação do mundo é um processo grande, complicado e doloroso. Para essa tarefa é necessária uma grande classe. Os navios grandes fazem longas viagens.

Sim, mas para longas viagens são necessários um capitão e um navegador.

Isso é verdade; mas o que se requer antes de mais é um grande navio. O que é um navegador sem um navio? Um homem inútil.

O grande navio é a humanidade, não uma classe.

Vós, senhor Wells, partis evidentemente do pressuposto de que todos os homens são bons. Eu, porém, não esqueço que há muitos homens maus. Não creio na bondade da burguesia.

Lembro-me bem da situação da *intelligentsia* técnica há várias décadas. Nessa altura, era numericamente reduzida, mas havia muito a fazer, e cada engenheiro, cada técnico e intelectual encontrava o seu lugar. Por isso, a *intelligentsia* técnica era a classe menos revolucionária.
Hoje, porém, há uma superabundância de intelectuais técnicos, e a sua mentalidade alterou-se profundamente. O homem especializado, que outrora nunca escutaria um discurso revolucionário, interessa-se agora vivamente por ele.

Recentemente, jantei com a Royal Society, a nossa grande sociedade científica inglesa. O discurso do presidente foi um apelo à planificação social e ao controlo científico. Há trinta anos, não teriam escutado o que hoje lhes digo. Hoje, o homem à frente da Royal Society tem ideias revolucionárias e exige a reorganização científica da sociedade humana.

A vossa propaganda de luta de classes não acompanhou estes factos. A mentalidade muda.

Sim, eu sei disso, e isso explica-se pelo facto de a sociedade capitalista se encontrar hoje num beco sem saída. Os capitalistas procuram uma saída, mas não a conseguem encontrar de modo que seja compatível

com a dignidade dessa classe, compatível com os seus interesses.

Poderiam, até certo ponto, sair da crise de gatas, mas não encontram um caminho que lhes permita erguê-la com a cabeça erguida, uma via que não afecte fundamentalmente os interesses do Capitalismo.

Este facto é, naturalmente, compreendido por largos círculos da *intelligentsia* técnica. Uma larga secção dela começa a reconhecer a comunidade dos seus interesses com os da classe que é capaz de indicar o caminho para fora do beco sem saída.

Vós, mais do que ninguém, sabeis algo sobre revoluções, senhor Estaline, do ponto de vista prático. As massas alguma vez se levantam? Não é uma verdade estabelecida que todas as revoluções são feitas por uma minoria?

Para que se realize uma revolução, é necessária uma minoria revolucionária dirigente; mas a mais talentosa, a mais devotada e enérgica das minorias será impotente se não se apoiar, ao menos, no apoio passivo de milhões.

Ao menos passivo? Talvez subconsciente?

Em parte também semi-instintivo e semi-consciente, mas sem o apoio de milhões, a melhor das minorias é impotente.

O LUGAR DA VIOLÊNCIA

Observo a propaganda comunista no Ocidente, e parece-me que, nas condições actuais, essa propaganda soa bastante antiquada, por ser uma propaganda insurreccional.

A propaganda a favor do derrube violento do sistema social fazia todo o sentido quando era dirigida contra a tirania. Mas nas condições modernas, quando o sistema está a colapsar por si mesmo, dever-se-ia insistir na eficiência, na competência, na produtividade, e não na insurreição.

Parece-me que o tom insurreccional está ultrapassado. A propaganda comunista no Ocidente é um incómodo para as pessoas de espírito construtivo.

É certo que o velho sistema está em colapso, em decomposição. Isso é verdade. Mas também é verdade que estão a ser feitos novos esforços, por outros meios, por todos os meios, para proteger, para salvar este sistema moribundo. Vós tirais uma conclusão errada a partir de um postulado correcto. Tendes razão ao afirmar que o velho mundo está a desmoronar-se. Mas errais ao pensar que se está a desmoronar por si mesmo.

Não; a substituição de um sistema social por outro é um processo revolucionário complicado e longo. Não se trata simplesmente de um processo espontâneo, mas

de uma luta; é um processo ligado ao choque entre classes.

O capitalismo está em decadência, mas não se deve compará-lo simplesmente a uma árvore que apodreceu ao ponto de tombar sozinha. Não: a revolução, a substituição de um sistema social por outro, foi sempre uma luta, uma luta dolorosa e cruel, uma luta de vida ou de morte. E sempre que os homens do novo mundo subiram ao poder, tiveram de defender-se contra as tentativas do velho mundo de restaurar, pela força, o antigo poder; esses homens do novo mundo tiveram sempre de estar vigilantes, sempre preparados para repelir os ataques do velho mundo contra o novo regime.

Sim, tendes razão quando dizeis que o velho sistema social está em colapso; mas ele não colapsa por si só. Tomai o exemplo do Fascismo. O Fascismo é uma força reaccionária que procura preservar o antigo sistema por meio da violência.

Que fareis vós com os Fascistas? Discutireis com eles? Procurareis convencê-los? Mas isso não terá qualquer efeito sobre eles.

Os comunistas não idealizam de modo algum os métodos da violência. Mas não querem ser apanhados de surpresa; não podem contar que o velho mundo saia de cena voluntariamente; vêem que o antigo sistema se defende violentamente, e é por isso que os comunistas dizem à classe operária: respondei à violência com violência; fazei tudo o que puderdes para impedir que a velha ordem moribunda vos esmague, não permitais que ela vos coloque algemas nas mãos — nas mãos com que haveis de derrubar o velho sistema.

Como vedes, os comunistas encaram a substituição de um sistema social por outro, não como um processo espontâneo e pacífico, mas como um processo complicado, longo e violento. Os comunistas não podem ignorar os factos.

Mas olhai para o que se passa actualmente no mundo capitalista. O colapso não é simples; é a irrupção da violência reaccionária que está a degenerar em banditismo.

E parece-me que, quando se chega a um conflito com uma violência reaccionária e obtusa, os socialistas devem apelar à lei, e, em vez de verem a polícia como inimiga, devem apoiá-la na luta contra os reaccionários.

Penso que é inútil operar com os métodos do velho Socialismo insurreccional.

AS LIÇÕES DA HISTÓRIA

Os comunistas baseiam-se na rica experiência histórica, a qual ensina que as classes caducas não abandonam voluntariamente o palco da História.

Recordai a História de Inglaterra no século XVII. Não diziam muitos que o velho sistema social estava em decomposição? Mas, apesar disso, não foi necessário um Cromwell para o esmagar pela força?

Cromwell agiu com base na Constituição e em nome da ordem constitucional.

Em nome da Constituição, recorreu à violência, mandou decapitar o rei, dissolveu o Parlamento, prendeu uns e mandou decapitar outros!

Ou tomai um exemplo da nossa História. Não era evidente, desde há muito, que o sistema czarista se achava em decadência, em desagregação? Mas quão grande foi o sangue derramado para o derrubar!

E quanto à Revolução de Outubro? Não havia muitos que sabiam que só nós, os bolcheviques, indicávamos o único caminho justo? Não era claro que o capitalismo russo se achava em ruínas? Mas sabeis bem quão forte foi a resistência, quanto sangue teve de ser derramado para defender a Revolução de Outubro de todos os seus inimigos.

Ou considerai a França no final do século XVIII. Muito antes de 1789, era claro para muitos quão podre estava o poder real, o sistema feudal. Mas uma insurreição popular, um choque de classes não foi, não pôde ser evitado. Porquê? Porque as classes que devem

abandonar o palco da História são as últimas a convencer-se de que o seu papel terminou. É impossível persuadi-las disso. Julgam que as fendas no edifício apodrecido da velha ordem podem ser reparadas e salvas.

É por isso que as classes moribundas pegam em armas e recorrem a todos os meios para salvar a sua existência enquanto classe dominante.

Mas não estavam também alguns juristas à frente da grande Revolução Francesa?

Não nego o papel da *intelligentsia* nos movimentos revolucionários. Foi a grande Revolução Francesa uma revolução de juristas, e não uma revolução popular, que venceu ao levantar vastas massas contra o feudalismo e ao defender os interesses do Terceiro Estado? E os juristas entre os líderes da grande Revolução Francesa, agiram eles segundo as leis da velha ordem? Não instituíram, antes, um novo direito, burguês e revolucionário?

A rica experiência da História ensina-nos que até hoje nenhuma classe cedeu voluntariamente o seu lugar a outra. Não há um só precedente histórico nesse sentido. Os comunistas aprenderam bem essa lição da História. Os comunistas saudariam a retirada voluntária da burguesia. Mas tal desenlace é improvável — é o que nos ensina a experiência. Eis por que motivo os comunistas querem estar preparados para o pior e conclamam a classe operária à vigilância, ao preparo para o combate.

Quem deseja um capitão que adormeça a vigilância do seu exército, um capitão que não compreenda que o inimigo não se renderá, que deve ser esmagado? Ser um tal capitão é enganar, trair a classe operária. Por

isso creio que aquilo que a ti te parece antiquado é, na realidade, uma medida de prudência revolucionária para a classe trabalhadora.

COMO FAZER UMA REVOLUÇÃO

Não nego que seja necessário recorrer à força, mas penso que as formas de luta devem ajustar-se o mais estreitamente possível às oportunidades proporcionadas pelas leis existentes, as quais devem ser defendidas contra os ataques reaccionários. Não há necessidade de desorganizar o velho sistema, pois ele desorganiza-se já bastante por si mesmo. É por isso que me parece que a insurreição contra a velha ordem, contra a legalidade, está obsoleta, ultrapassada. Aliás, exagero propositadamente, a fim de tornar a verdade mais evidente. Posso formular assim o meu ponto de vista: primeiro, sou pela ordem; segundo, ataco o sistema presente na medida em que ele não consegue garantir essa ordem; terceiro, penso que a propaganda da luta de classes pode afastar do socialismo precisamente aqueles homens cultos de que o socialismo necessita.

Para alcançar um grande objectivo, um objectivo social importante, é necessária uma força principal, um baluarte, uma classe revolucionária. É depois necessário organizar uma força auxiliar a essa força principal; neste caso, essa força auxiliar é o partido, ao qual pertencem as melhores forças da *intelligentsia*. Acabaste de falar em "homens cultos". Mas que homens cultos tinhas em mente? Não havia porventura muitos homens cultos ao lado da velha ordem na Inglaterra do século XVII, em França no fim do século XVIII, e na Rússia na época da Revolução de Outubro?

A velha ordem tinha ao seu serviço muitos homens altamente instruídos, que a defendiam, que se opunham à nova ordem.

A instrução é uma arma, cujo efeito depende das mãos que a empunham, de quem se pretende atingir com ela. Naturalmente, o proletariado, o socialismo, precisa de homens muito instruídos. É evidente que os simplórios não podem ajudar o proletariado a combater pelo socialismo, a construir uma nova sociedade.

Não subestimo o papel da *intelligentsia*; pelo contrário, sublinho-o. A questão, porém, é: de que *intelligentsia* estamos a falar? Porque há diversas espécies de *intelligentsia*.

Não pode haver revolução sem uma mudança radical no sistema de ensino. Basta citar dois exemplos — o exemplo da República Alemã, que não tocou no velho sistema de ensino e, por conseguinte, nunca se tornou uma verdadeira república; e o exemplo do Partido Trabalhista Britânico, que carece de determinação para exigir uma mudança radical no sistema educativo.

Essa é uma observação justa. Permite-me agora responder aos teus três pontos. Primeiro, o essencial para a revolução é a existência de um baluarte social. Esse baluarte da revolução é a classe operária.

Segundo, é necessária uma força auxiliar, aquilo a que os comunistas chamam Partido. No Partido encontram-se os operários conscientes e os elementos da *intelligentsia* técnica que se encontram intimamente ligados à classe operária. A *intelligentsia* só pode ser forte se se associar à classe operária. Se se opuser a ela, torna-se um zero.

Terceiro, é necessária a posse do poder político como alavanca de transformação. O novo poder político cria as novas leis, a nova ordem, que é uma ordem revolucionária.

Não defendo qualquer espécie de ordem. Defendo uma ordem que corresponda aos interesses da classe operária. Se, no entanto, algumas das leis da velha ordem puderem ser utilizadas no interesse da luta pela nova ordem, essas leis antigas devem ser aproveitadas.

E, por fim, enganas-te se pensas que os comunistas estão enamorados pela violência. Ficariam muito satisfeitos em abandonar os métodos violentos se a classe dominante aceitasse ceder o poder à classe operária. Mas a experiência da história não permite alimentar tal esperança.

Houve, no entanto, um caso na história de Inglaterra em que uma classe cedeu voluntariamente o poder a outra classe. No período de 1830 a 1870, a aristocracia, cuja influência era ainda bastante considerável no final do século XVIII, cedeu voluntariamente, sem luta violenta, o poder à burguesia, a qual serve de apoio sentimental à monarquia. Posteriormente, essa transferência de poder levou ao estabelecimento do domínio da oligarquia financeira.

Mas passaste, sem te dares conta, das questões da revolução para as questões da reforma. Não se trata da mesma coisa. Não pensas que o movimento cartista desempenhou um papel importante nas reformas inglesas do século XIX?

Os cartistas pouco fizeram e desapareceram sem deixar rasto.

Não estou de acordo contigo. Os cartistas, e o movimento grevista que organizaram, desempenharam um papel considerável; forçaram a classe dominante a conceder uma série de reformas em matéria de sufrágio, da abolição dos chamados "círculos podres[1]", e quanto a alguns pontos da "Carta". O cartismo desempenhou um papel histórico nada desprezível e obrigou uma parte das classes dominantes a aceitar certas concessões, certas reformas, a fim de evitar grandes convulsões. De um modo geral, é forçoso reconhecer que, de todas as classes dominantes, as de Inglaterra — tanto a aristocracia como a burguesia — se revelaram as mais hábeis, as mais flexíveis do ponto de vista dos seus interesses de classe, do ponto de vista da conservação do seu poder.

Toma como exemplo, se quiseres, um caso da história contemporânea, a Greve Geral em Inglaterra em 1926. A primeira coisa que qualquer outra burguesia teria feito diante de tal acontecimento, quando o Conselho Geral dos Sindicatos proclamou a greve, teria sido prender os dirigentes sindicais. A burguesia britânica não o fez, e agiu com habilidade do ponto de vista dos seus interesses. Não consigo imaginar semelhante flexibilidade na estratégia da burguesia dos Estados Unidos, da Alemanha ou de França. Para manterem o seu domínio, as classes dirigentes da Grã-Bretanha nunca se recusaram a fazer pequenas concessões, reformas. Mas seria um erro pensar que essas reformas pudessem ser revolucionárias.

---

[1] Eram círculos eleitorais que conseguiam eleger um deputado apesar de ninguém lá viver, a escolha desse deputado ficava assim dependente de uma família ou até de uma única pessoa.

Tens uma opinião mais elevada da classe dominante do meu país do que eu. Mas haverá assim tanta diferença entre uma pequena revolução e uma grande reforma? Não será uma reforma uma pequena revolução?

Sob a pressão das massas, a pressão vinda de baixo, a burguesia pode por vezes conceder certas reformas parciais, conservando, contudo, o sistema sócio-económico existente. Procedendo assim, calcula que essas concessões são necessárias para preservar o seu domínio de classe. Eis aí a essência da reforma. A revolução, porém, significa a transferência do poder de uma classe para outra. É por isso que não é possível qualificar qualquer reforma como uma revolução.

ONDE A RÚSSIA ESTÁ A FALHAR

Estou-lhe profundamente grato por esta conversa, que muito significou para mim. Ao explicar-me estas coisas, deve ter-se recordado, talvez, de como era necessário expor os fundamentos do socialismo nos círculos clandestinos antes da Revolução. Actualmente, há apenas duas pessoas cujas opiniões, cujas palavras, são escutadas por milhões — o senhor e Roosevelt. Outros podem pregar quanto quiserem; o que digam não será nem impresso nem tido em conta.

Ainda não posso avaliar devidamente o que foi realizado no seu país; cheguei apenas ontem. Mas já vi os rostos felizes de homens e mulheres saudáveis e sei que aqui se está a levar a cabo algo de muito importante. O contraste com 1920 é espantoso.

Muito mais se poderia ter feito, se nós, bolcheviques, fôssemos mais inteligentes.

Não, se os seres humanos fossem mais inteligentes. Seria uma boa ideia inventar um Plano Quinquenal para a reconstrução do cérebro humano, o qual carece visivelmente de muitas coisas necessárias à instauração de uma ordem social perfeita. [Risos]

Não tenciona permanecer para o Congresso do Sindicato dos Escritores Soviéticos?

Infelizmente, tenho vários compromissos a cumprir e só posso permanecer uma semana na URSS. Vim para o ver, e sinto-me plenamente satisfeito com a nossa conversa. Tenciono, porém, discutir com os escritores soviéticos com quem puder encontrar-me a possibilidade de se filiarem no Clube PEN. A organização é ainda fraca, mas possui delegações em muitos países, e, o que é mais importante, os discursos dos seus membros são amplamente divulgados pela imprensa. Insiste sobretudo na livre expressão de opiniões — mesmo das opiniões oposicionistas. Espero poder tratar deste assunto com Gorki. Não sei se estão já preparados para tamanha liberdade...

Nós, bolcheviques, chamamos a isso "autocrítica". É amplamente praticada na URSS. Se houver algo em que eu possa ajudar, fá-lo-ei com gosto.

NOTA AUTOBIOGRÁFICA

DE H.G. Wells

No dia 21 de Julho, parti de Londres para Moscovo, na companhia do meu filho mais velho, que desejava encontrar-se com alguns biólogos russos cujo trabalho conhecia, e visitar os seus laboratórios. Partimos de Croydon à tarde, passámos a noite em Berlim e prosseguimos voo, via Gdansk, Kovno e Welilikje Luki, chegando a Moscovo antes do anoitecer do dia 22. Voámos com tempo limpo até Amesterdão, depois através de duas trovoadas até Berlim. Chegámos tardiamente ao fulgor da Berlim iluminada; a escuridão chuvosa cintilava com os relâmpagos e o nosso avião desceu para aterrar com archotes acesos sob as asas, ao longo de um corredor de flamejante luz amarela, tremeluzindo ao vento, contra as luzes vermelhas e brancas imóveis do aeródromo. O voo do dia seguinte, de Welilikje Luki até Moscovo, voando baixo para Leste sob o Sol da tarde, foi particularmente dourado e encantador.

Em 1900, quando escrevi *Anticipations*, esta teria sido uma viagem tão inacreditável como um percurso no tapete de Aladino; em 1934, organizou-se da forma mais prosaica através de uma agência de viagens — foi uma pequena excursão que qualquer um poderia empreender; e o bilhete era mais barato do que teria sido o preço de caminho-de-ferro trinta anos antes. Dentro em breve, uma visita deste género parecerá tão trivial como uma chamada de táxi hoje em dia. É a

nossa organização política antiquada e a nossa imaginação retrógrada o que ainda impede a abolição definitiva da distância.

Encontrei Moscovo profundamente transformada — mesmo do ar isso já era visível; já não é inerte e pitoresca, uma cidade-acampamento murada, bárbara, negra e dourada, em torno de uma grande fortaleza, como a vira pela primeira vez em 1914; nem tampouco visivelmente degradada, estilhaçada e apreensiva, como estivera nos tempos de Lenine, mas sim desordenada e esperançosamente renascente. Erguiam-se novas construções em todas as direcções: habitações operárias, vastos conjuntos fabris e, entre os bosques, novas *datchas*[2] e clubes campestres. Do ar não era visível qualquer plano em particular; parecia uma expansão vigorosa e natural, como se vê nas cidades mais individualistas. Descemos sobre um mosaico de aeródromos e avistámos centenas de aviões estacionados junto aos hangares. A aviação russa pode estar concentrada em torno de Moscovo, mas esta demonstração de força aérea era deveras impressionante. Há vinte e dois anos, na minha obra *The War in the Air*, imaginara tais extensos campos de frotas aéreas, mas nunca então, nem nos meus mais audaciosos devaneios, pensara viver o suficiente para os ver.

Confesso que me aproximei de Estaline com uma certa dose de suspeita e preconceito. Formara-se na minha mente o retrato de um fanático muito reservado e centrado em si mesmo, um déspota sem vícios, um monopolizador ciumento do poder. Estivera inclinado a tomar o partido de Trotsky contra ele. Formara uma

[2] Casas de campo. – NDT

opinião muito elevada — talvez excessiva — das capacidades militares e administrativas de Trotsky, e parecia-me que a Rússia, tão urgentemente necessitada de capacidade directiva a cada passo, não se podia dar ao luxo de o lançar ao exílio. A *Autobiografia* de Trotsky, e mais particularmente o segundo volume, haviam-me moderado esse juízo, mas ainda assim esperava encontrar em Moscovo um homem implacável, duro — talvez doutrinário — e autossuficiente; um montanhês georgiano cujo espírito nunca se teria desprendido inteiramente do seu vale natal.

Contudo, fora forçado a reconhecer que, sob a sua direcção, a Rússia não estava meramente a ser tiranizada e mantida sob jugo; estava a ser governada — e avançava. Tudo quanto ouvira em defesa do Primeiro Plano Quinquenal fora submetido a um crivo de cepticismo severo, e ainda assim permanecia o efeito crescente de uma empreitada bem-sucedida. Escutara cada vez com mais avidez qualquer mexerico de primeira mão que me chegasse aos ouvidos sobre ambos esses homens tão distintos. Já então havia questionado o meu sombrio pressentimento de que, no centro dos assuntos russos, estaria uma espécie de Barba Azul. Na verdade, se não me encontrasse já em reacção contra esses primeiros preconceitos e não desejasse aproximar-me da verdade do assunto, jamais teria voltado a Moscovo.

Este homem solitário e autoritário — pensava eu — pode ser infernalmente desagradável, mas, em todo o caso, há-de possuir uma inteligência muito acima do dogmatismo. E se eu não estiver completamente enganado quanto ao mundo, e se ele for tão capaz como

começo a acreditar, então há-de estar a ver muitas coisas de modo semelhante ao meu.

Queria dizer-lhe que falara com Franklin Roosevelt sobre a nova perspectiva de cooperação mundial que se abria perante a humanidade. Queria insistir sobre o ponto em que tanto me detivera na Casa Branca: que, nas populações de língua inglesa e nas de língua russa, bem como nas populações geograficamente associadas a estas ao longo da zona temperada, existe uma massa humana considerável, madura para um entendimento comum e uma cooperação comum na preparação de um Estado mundial organizado. Paralelamente a essa dupla base para um plano mundial, queria dizer-lhe, existe um terceiro grande sistema de cooperação possível na comunidade hispano-americana. Essas massas, juntamente com os chineses, constituem uma esmagadora maioria da humanidade, desejosa — apesar dos seus chamados governos — de paz, de trabalho e de um bem-estar organizado. Coisas como o imperialismo japonês, o egoísmo nacional do Quai d'Orsay e de Mussolini, a pueril insinceridade do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico e o delírio político da Alemanha tornar-se-iam obstáculos menores à unidade humana, se essas disposições comuns pudessem ser alinhadas num entendimento comum e numa forma comum de expressão. O militarismo japonês não era tanto uma ameaça à humanidade como um útil lembrete para que deixássemos de lado as diferenças formais e difundíssemos por todo o mundo uma vontade explícita de paz. O Japão, com uma possível — mas muito improvável — aliança alemã, era a única ameaça reaccionária eficiente que restava à civilização. A

França era espiritualmente inofensiva; a Grã-Bretanha, incuravelmente indeterminada.

Queria saber até que ponto Estaline via os assuntos internacionais sob esta luz e, se demonstrasse estar, em geral, de acordo, tentar perceber até onde estaria disposto a ir comigo na ideia de que a actual impotência relativa das vastas massas da humanidade para conter as ameaças menores e mais ferozes do patriotismo agressivo não se devia, na realidade, a nada de fundamental na natureza humana, mas sim a velhas tradições dissonantes, a uma má educação e a más explicações — ao nosso fracasso, até agora, em fazer chegar claramente às populações a verdadeira história comum da nossa espécie e o objectivo comum agora perante a humanidade. Esse objectivo era a comunidade mundial altamente organizada, na qual o sentido de dever viesse a substituir o lucro. Os dialectos políticos e as frases que se dirigiam a esse fim eram desnecessária e desperdiçadamente distintos. Os impulsos criadores estavam a ser tolhidos até ao ponto da ineficácia por pedantismos e equívocos.

Seria impossível actualizar as fórmulas políticas gerais, de modo a que o verdadeiro intuito criador da vontade russa deixasse de ser algo de alheio e repulsivo para a inteligência desperta do Mundo Ocidental, por causa de uma insistência obstinada no jargão político antiquado, na lengalenga da luta de classes de há cinquenta anos? Todas as coisas cumprem a sua finalidade e morrem, e era tempo de reconhecer que até mesmo o próprio Karl Marx, não só fisicamente como intelectualmente, passara à História. Apegar-se agora a essas velhas expressões era tão absurdo como tentar electrificar a Rússia com máquinas de fricção ou pilhas de zinco e cobre de 1864. O insurreccionismo marxista

da luta de classes tornara-se num verdadeiro obstáculo ao planeamento progressivo de uma nova ordem mundial. Isto era particularmente evidente na nossa comunidade de língua inglesa.

Essa velha doutrina segundo a qual o proletariado, ou o político que o represente momentaneamente, nada pode fazer de errado, afastava o tecnólogo competente, vitalmente necessário à nova tarefa, e inculcava um espírito de entusiasmo místico de massas, contrário a toda e qualquer cooperação disciplinada. Queria abordar claramente, na nossa conversa, o facto de que a Rússia prestava apenas um serviço verbal à unidade e solidariedade humanas; que, na realidade, seguia um caminho próprio rumo a um socialismo próprio, que se afastava do socialismo mundial, formando as suas multidões fervilhantes para mal interpretarem e antagonizarem as grandes forças informais do Ocidente, empenhadas na socialização e consolidação mundiais. Não seria possível, antes que a oportunidade nos escapasse por entre os dedos, formar uma linha geral de propaganda criadora à escala planetária?…

Era típico da forma como as trocas intelectuais ficam aquém das rápidas conquistas do progresso material, o facto de Estaline e eu termos de conversar através de um intérprete. Falava uma língua georgiana e o russo, e não arranhava sequer nenhum idioma ocidental. Por isso, a nossa conversa teve de desenrolar-se na presença de um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Sr. Umansky. Este trouxe um livro no qual fazia rapidamente apontamentos em russo do que cada um de nós dizia, lia os meus discursos em russo a Estaline e os dele, quase com igual desembaraço, para mim, em inglês, permanecendo depois de olhos alerta por detrás dos

óculos, pronto para a réplica. Necessariamente, parte da minha fraseologia perdia-se no processo, e era substituída por um tanto da do Sr. Umansky. E a nossa conversa tornava-se tanto mais lenta quanto eu fazia por verificar, pelas respostas de Estaline, se este estava a captar pelo menos o essencial do que eu pretendia exprimir, senão mesmo todas as suas implicações.

Todas as antecipações persistentes sobre um taciturno e sinistro montanhês desapareceram mal o vi. É daquelas pessoas que, em fotografia ou pintura, se tornam alguém completamente distinto. Não é fácil descrevê-lo, e muitos dos retratos que se fizeram dele exageram-lhe a tez carregada e a quietude. A sua sociabilidade limitada, e uma simplicidade que o torna inexplicável para os mais conscientemente dissimulados, sujeitaram-no às mais estranhas invenções do boato sussurrado. A sua vida privada — irrepreensível e ordeira — é mantida um tanto mais resguardada do que justificaria a imensa importância pública que detém, e, quando há um ano a sua mulher morreu subitamente de uma lesão cerebral, os mais fantasistas urdiram uma lenda de suicídio que uma vida pública mais deliberada teria tornado impossível. Todo esse subterrâneo sombrio, toda a suspeita de tensões emocionais ocultas, dissipou-se após uns poucos minutos de conversa com o próprio.

A minha primeira impressão foi a de um homem de aspecto bastante vulgar, vestido com uma camisa branca bordada, calças escuras e botas, que fitava a janela de uma ampla sala geralmente vazia. Voltou-se com um gesto algo tímido e apertou-me a mão de forma amistosa. Também o seu rosto era vulgar — simpático e vulgar —, sem traços muito definidos, de modo algum «distinto». Olhava mais para além de

mim do que directamente para mim, mas não de forma evasiva; era simplesmente porque lhe faltava a curiosidade abundante que levara Lenine, ao falar comigo, a observar-me atentamente por detrás da mão com que ocultava o olho deficiente.

Comecei por lhe dizer que Lenine, no final da nossa conversa, dissera: "volte a visitar-nos dentro de dez anos". Eu deixara passar catorze, mas agora que vira Franklin Roosevelt em Washington queria encontrar-me com o cérebro dirigente do Kremlin enquanto as minhas impressões de Washington ainda estavam frescas, porque achava que esses dois homens, entre todos, indicavam o futuro da humanidade como mais ninguém. Ele respondeu com uma modéstia perfeitamente convencional que se limitava a fazer só umas pequenas coisas — apenas umas pequenas coisas.

A conversa arrastou-se num compasso de timidez. Ambos sentíamos simpatia um pelo outro, e queríamos estar à vontade, mas não o estávamos. Estava claramente determinado a evitar qualquer ar de importância pessoal naquele encontro; não se dava ares nenhuns, mas sabia que íamos conversar sobre assuntos de enorme magnitude. Sentou-se a uma mesa, e o Sr. Umansky sentou-se ao nosso lado, abriu o caderno com um gesto expedito e expectante.

Pressentia que me esperava um caminho penoso, mas Estaline mostrou-se tão pronto e disposto a explicar o seu posicionamento que, passados alguns momentos, a pausa exigida pela tradução quase se tornara imperceptível, substituída pela concentração na formulação de novas frases para o debate. Supunha que disporia de uns quarenta minutos, mas, quando a essa altura sugeri, com relutância, que talvez

devêssemos interromper, declarou com firmeza a sua intenção de continuar por três horas. E assim fizemos. Estávamos ambos profundamente interessados no ponto de vista um do outro. O que eu disse condensava o essencial do que tencionava dizer — e já o relatei anteriormente; o que aqui interessa é meramente a forma como Estaline reagiu a essas ideias.

Não sei se terá sido Estaline ou eu quem mais se iluminou nessa discussão, mas o que mais me impressionou foi a sua recusa em reconhecer qualquer espécie de paralelismo entre os processos, métodos e objectivos de Washington e Moscovo. Quando lhe falava do mundo planeado, falava-lhe numa linguagem que ele não compreendia. Observava a proposição perante si e nada retirava dela. Tinha pouco da prontidão intuitiva do presidente Roosevelt, e nenhuma da subtileza e tenacidade de Lenine. Lenine, é certo, estava saturado de fraseologia marxista, mas dominava-a por completo. Sabia moldá-la a novos sentidos e utilizá-la a seu bel-prazer. Estaline, porém, possuía uma mente tão disciplinada nos dogmas de Lenine e Marx como os diplomatas britânicos que referi antes, educados por governantas, o estavam na sua tradição oficial. Era igualmente pouco adaptável. A formação do seu pensamento cessara no ponto exacto em que Lenine deixara a sua reinterpretação do marxismo. Não tinha nem um espírito livre e impulsivo, nem sequer um espírito cientificamente estruturado; possuía antes um espírito formatado segundo o marxismo-leninismo. Por vezes parecia que o conseguia fazer mover-se na direcção que pretendia, mas, mal sentia que lhe estavam a puxar os pés, agarrava-se de imediato a uma frase consagrada pelo tempo e lutava por regressar à ortodoxia.

Nunca conheci homem mais franco, justo e honesto, e é a essas qualidades — e não a qualquer artifício oculto ou sinistro — que deve a sua tremenda e indiscutida ascendência na Rússia. Supunha, antes de o ver, que talvez se encontrasse onde estava porque os homens o temiam, mas percebi que devia a sua posição precisamente ao facto de que ninguém o temia e todos confiavam nele. Os russos são, a um tempo, infantis e subtis, e nutrem um receio justificável da subtileza tanto em si mesmos como nos outros. Estaline é um georgiano excepcionalmente desprovido de subtileza. A sua ortodoxia despretensiosa oferece aos seus colaboradores a garantia de que, seja o que for que faça, fá-lo-á sem complicações profundas e no melhor espírito possível. Tinham ficado fascinados por Lenine, e temiam qualquer afastamento das suas directrizes talismânicas. A obstinada fidelidade de Estaline aos factos do passado, durante a nossa conversa, não reflectia qualquer originalidade pessoal, mas antes a obstinada e auto-protectora fidelidade dos seus companheiros de direcção.

Não só o confrontei com a afirmação de que o planeamento em larga escala por parte da comunidade, bem como uma considerável socialização dos transportes e das indústrias essenciais, eram ditados pelos desenvolvimentos mecânicos do nosso tempo — e estavam a ocorrer, fora das fronteiras do mundo soviético, com uma extensão não inferior à registada no seu interior —, como também lhe apresentei uma longa crítica à propaganda antiquada da luta de classes, na qual uma macedónia de tipos e ofícios é aglomerada sob o termo de burguesia. Trata-se de uma das mais funestas falsas simplificações neste delírio cerebral colectivo que é a revolução russa. Disse-lhe que vastas

secções dessa mescla — técnicos, trabalhadores cientistas, médicos, mestres e operários especializados, aviadores, engenheiros operacionais, por exemplo — constituiriam e deveriam constituir o melhor material humano para a revolução construtiva no Ocidente, mas que a propaganda comunista em vigor, com a sua insistência num misticismo de direccionamento colectivo pelas massas, alienava e antagonizava precisamente esses elementos mais valiosos. Os trabalhadores mais especializados e os gerentes sabem que o "Zé" não é tão competente como o seu patrão. Estaline compreendeu o meu raciocínio, mas sentia-se preso ao seu hábito de referência à massa proletária — que, na realidade, nada mais é do que o "povo soberano" da democracia antiquada, mas com outro nome. Ou seja, trata-se de uma figura de estilo político. Diverti-me a lançar-lhe, com um conhecimento vívido dos factos da Revolução de Outubro, uma afirmação tão óbvia quanto heterodoxa: "Todas as revoluções são feitas por minorias." A sua honestidade obrigou-o a admitir que "a princípio", assim poderia ser.

Procurei então regressar à minha ideia da possível convergência entre o Ocidente e o Leste em direcção ao objectivo comum de um Estado socialista mundial, citando Lenine quando disse, após a Revolução: "o comunismo tem agora de aprender a fazer negócios", acrescentando que, no Ocidente, essa máxima teria de ser invertida. Os negócios teriam agora de aprender a socialização do capital — que, de facto, é tudo quanto o comunismo russo representa hoje. Trata-se de um capitalismo de Estado com um certo legado de cosmopolitismo. O Ocidente e o Leste, partindo de níveis inteiramente distintos de realização material,

possuíam agora, cada um, o que ao outro faltava, e eu advogava um desfecho planetário para o processo revolucionário. Mas Estaline, agora perfeitamente à vontade e interessado, chupou pensativamente no cachimbo que, com toda a cortesia, me pedira autorização para acender, abanou a cabeça e disse reflectidamente: "Niet". Era evidente a sua desconfiança perante esta sugestão de cooperação complementar. Poderia tratar-se da ponta fina de uma cunha em expansão. Levantou a mão, algo à maneira de um estudante disposto a recitar, e ditou uma resposta em fórmulas de partido. O movimento de socialização na América não era uma revolução proletária genuína; o "capitalista" limitava-se a salvar-se a si mesmo, fingindo despir-se do poder e escondendo-se ao virar da esquina, pronto para regressar. E com isso o assunto ficava encerrado. A única fé verdadeira estava na Rússia; não podia haver outra. A América teria de viver a sua Revolução de Outubro e seguir os seus líderes russos.

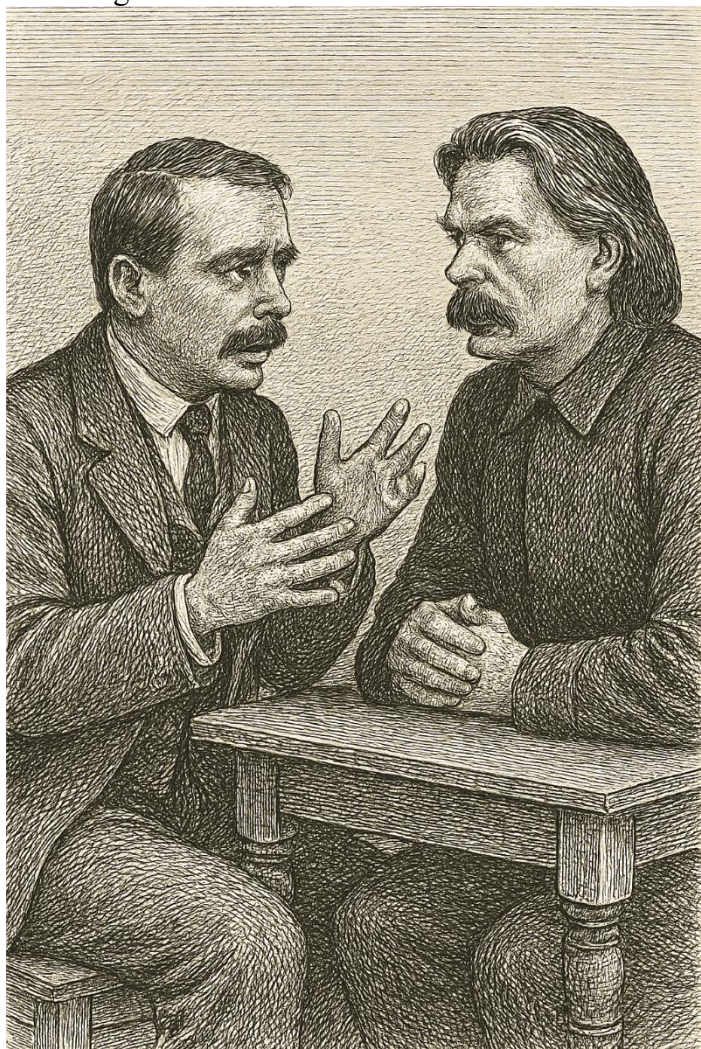
Mais adiante, discutimos a liberdade de expressão. Admitiu a necessidade e excelência da crítica, mas preferia que esta fosse produzida internamente, dentro da organização do partido. Aí, declarou, a crítica era extraordinariamente meticulosa e livre. Fora disso, poderia ser tendenciosa...

Concluí, conforme planeado, insistindo nas posições ímpares que ele e Roosevelt ocupavam, e na sua capacidade para falar ao mundo em uníssono. Mas essa parte saiu débil, pois a minha esperança de obter algum reconhecimento — ainda que qualificado — por parte do homem que detinha o controlo da Rússia, quanto à presente convergência em direcção a um capitalismo colectivo tanto no Leste como no

Ocidente, sofrera um rude golpe. Dissera o que tinha a dizer a todas as minhas iniciativas — e mantinha-se firme. Oxalá eu soubesse falar russo com fluência, ou tivesse um intérprete mais próximo do meu coração. Ter-me-ia sido possível aproximar-me mais dele. Os intérpretes normais gravitam inevitavelmente em torno de frases feitas. Nada sofre tanto com a tradução como a frescura de uma ideia inédita.

À medida que ia conhecendo uma personalidade após outra em Moscovo, sentia-me cada vez mais inclinado a fazer uma espécie de psicanálise desta resistência que se opõe a qualquer força criadora vinda do Ocidente. É algo profundamente marcado. Dentro de poucos anos, caso se mantenha, poderemos ouvir Moscovo proclamar, senão “a Rússia para os russos”, pelo menos “o mundo soviético para os seguidores de Marx e Lenine, e abaixo todos os que se recusem a curvar-se perante os Profetas”, o que, no que toca à paz e unidade do mundo, virá a dar no mesmo. Há, sob esta situação russa, um forte e incorrigível patriotismo, tanto mais eficaz quanto se dissimula — exactamente como havia um incorrigível patriotismo francês por detrás da fraternização universalista da primeira revolução francesa.

Um ou dois dias depois, discuti extensamente com Máximo Gorki e com alguns dos jovens escritores russos sobre o controlo de natalidade e a liberdade de expressão, na bela e magnificamente mobilada casa que o governo coloca à sua disposição. Gorki, do ponto de vista físico, pouco mudara desde 1906, quando o visitei, como refugiado atónito e angustiado, em Staten Island. Descrevi esse primeiro encontro em *The Future in America*. Voltei a encontrar-me com ele em 1920 (*Russia in the Shadows*). Nessa altura era um amigo

próximo de Lenine, embora ainda assim propenso a criticar o novo regime. Agora tornara-se um estalinista incondicional. Entre nós também, infelizmente, teve de intervir um intérprete, pois Gorki, apesar da sua longa permanência em Itália, regredira para um completo monolinguismo.

Há alguns anos, John Galsworthy ajudou a criar uma rede internacional de sociedades literárias chamadas Clubes P.E.N. Ao princípio, serviam apenas para amáveis intercâmbios entre escritores de um mesmo país ou de países diferentes; mas a violenta perseguição aos escritores judeus e de esquerda na Alemanha, bem como uma tentativa de capturar e usar o Clube P.E.N. de Berlim para propaganda nazi, fizeram emergir novos e graves problemas para a organização. Precisamente nessa altura, Galsworthy faleceu, e eu sucedi-lhe como presidente internacional. Fui arrastado, na qualidade de presidente e moderador, para dois debates tempestuosos, em Ragusa e Edimburgo. A tarefa de defender a liberdade de expressão na arte e na literatura foi praticamente imposta a esta organização frágil, embora amplamente disseminada. Tinha muitos defeitos, mas dispunha de acesso a uma considerável visibilidade pública — e, nestas questões, a publicidade é de importância primordial. Foram travadas batalhas locais pela manutenção da liberdade e dignidade das letras nos Clubes P.E.N. de Berlim, Viena e Roma, e agora colocava eu a estes novos escritores russos a questão de saber se não teria chegado o momento de descontrolar as actividades literárias na Rússia e de formar em Moscovo um Clube P.E.N. livre e independente. Expus-lhes as minhas ideias quanto à necessidade de liberdade de escrita e de palavra em todo o Estado altamente organizado; quanto maior a rigidez política e social, argumentava eu, maior a necessidade de que o pensamento e o comentário gravitem em torno dela. Estas ideias pareceram inteiramente extraordinárias a todos os meus ouvintes, embora Gorki, em tempos, seguramente as tivesse

sustentado. Se assim foi, já as esqueceu ou deixou para trás.

Debatemos durante cerca de uma hora, sentados em torno de uma longa mesa de chá, disposta sob um alpendre alto, branco e soalheiro, onde andorinhas esvoaçavam, alimentando as crias por cima dos capitéis das colunas. Estavam presentes uns seis dos mais jovens escritores russos, e os Litvinov vieram juntar-se à discussão, vindos da sua vila — igualmente bela — do outro lado de Moscovo. O que mais me impressionou nesta conversa foi, de longe, a ideia fixa de todos de que a literatura deve estar sujeita ao controlo e à censura políticos, e a extraordinária prontidão em suspeitar de uma intriga "capitalista", para a qual todos os seus cérebros, incluindo o de Gorki, haviam sido treinados. Custou-me ver Gorki contra a liberdade. Feriu-me.

Confesso, aliás, uma profunda insatisfação com esta sua última fase. Qualquer coisa de humano e penoso nele, que sempre me inspirara simpatia nos seus dias de fugitivo, evaporara-se por completo. Transformara-se num Grande Homem proletário e consciente da sua classe. O seu prestígio dentro das fronteiras soviéticas é colossal — e artificial. A sua obra literária, por mais respeitável que seja, não justifica tamanha fama. Foi inflacionado até uma grandeza superior à de Robert Burns na Escócia ou à de Shakespeare em Inglaterra. Tornou-se uma espécie de membro informal do governo, e sempre que as autoridades enfrentam uma dificuldade em baptizar um novo aeroplano, uma nova avenida, uma nova cidade ou uma nova organização, resolvem-na dando-lhe o nome de Máximo Gorki. Ele parece discretamente consciente do embalsamamento, do mausoléu e da apoteose que o aguardam, quando

também ele se tornar uma divindade soviética adormecida. Entretanto, critica os jovens escritores e rodeia-se deles. E ali estava, sentado ao meu lado, o meu velho amigo, o outrora proscrito apedrejado e em lágrimas que eu tentara amparar e consolar em Staten Island — meio-deificado agora, todo o desespero esquecido — a olhar-me de esguelha com aquele seu rosto tartárico, a engendrar perguntas argutas para revelar a teia "capitalista" em que suspeitava que eu o estivesse a enredar. Navega-se para Ocidente e acaba-se por chegar ao Leste, e aqui na Rússia, depois da revolução, como antes dela, e um pouco por todo o mundo à esquerda, tornámos ao pior vício da direita: a expressão literária está limitada a opiniões aceitáveis.

A Gorki, ao que parece, pouco importa que a nossa pobre organizaçãozinha P.E.N. tenha lutado por dar voz aos extremistas de esquerda como Toller, e que todas as suas batalhas até agora tenham sido em prol da libertação da esquerda. Neste mundo recém-nascido do comunismo dogmático, insistia ele, não poderia haver reconhecimento para escritores brancos ou católicos, ou de qualquer outro tipo de direita — por mais belamente que escrevessem. Assim, Máximo Gorki, em 1934, pasme-se, acabava por justificar os americanos que o haviam escorraçado de Nova Iorque em 1906.

Argumentei, em vão, que os homens conservam ainda o direito de contestar a perfeição definitiva do leninismo. Através da arte e da literatura, é vital que expressem tudo quanto lhes vai na mente, seja aceite ou heterodoxo, bom ou mau. Para a acção política e o comportamento social, sim, devem existir convenções e leis; mas no mundo da expressão não pode haver leis nem convenções. Não se pode trancar a imaginação.

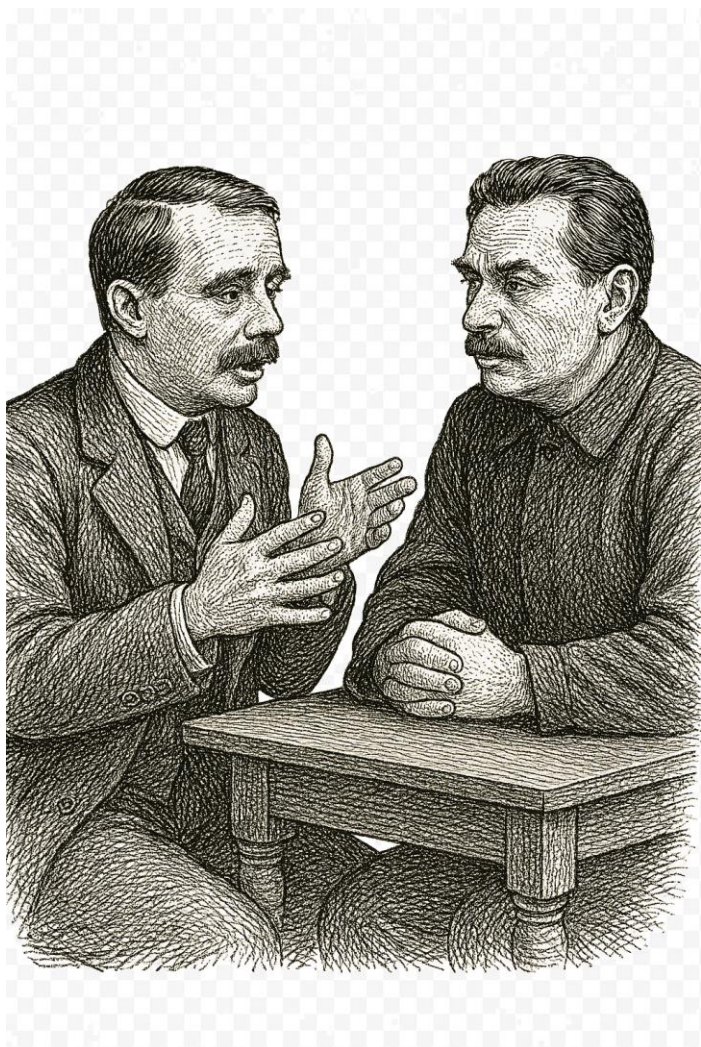
Não se pode dizer: “podes imaginar até aqui, e não mais além”. O socialismo existe para a dignidade e liberdade da alma humana — a alma humana não existe para o socialismo. Houve sorrisos cépticos enquanto o tradutor fazia o melhor que podia para transmitir esta estranha afirmação. Talvez lhe tenha tornado as coisas demasiado difíceis ao falar da alma do homem.

Gorki, o proscrito reformado, abanava lentamente a cabeça de um lado para o outro e produzia desculpas para esse controlo do pensamento novo e da sugestão por parte dos funcionários. A liberdade que eu reclamava como essencial em qualquer P.E.N. russo que viesse a fundar-se podia ser, quem sabe, admissível no mais estável mundo anglo-saxónico; nós podíamos dar-nos ao luxo de brincar com o erro e com a heresia; mas a Rússia era como um país em guerra. Não podia tolerar oposição. Já ouvira esta cantilena antes. Em Ragusa, Schmidt-Pauli, a falar pelos nazis, e em Edimburgo, Marinetti, o fascista, haviam feito precisamente as mesmas desculpas para a repressão.

Senti-me inspirado a produzir um argumento em forma hegeliana. Afirmei que nada podia existir sem o reconhecimento do seu contrário e que, se se destruísse por completo o contrário de uma coisa, essa mesma coisa morria. A vida era reacção, e os processos mentais só podiam alcançar definição clara mediante o pleno entendimento dos contrários. A partir daí, argumentei que, se suprimissem os homens que cantavam, pintavam ou escreviam sobre as glórias da liberdade individual, o pitoresco do comércio, os mistérios da imaginação religiosa, a arte pura, o capricho, a realeza, o pecado ou a destruição, e os prazeres da transgressão, então o seu leninismo

também perderia vitalidade e morreria. Creio que isto foi traduzido correctamente para estes intérpretes do temperamento ortodoxo russo, mas não engendraram qualquer tipo de resposta.

Litvinov cortou a indecisão deles com uma pergunta: se eu desejava que os escritores brancos exilados viessem a Moscovo. Respondi que isso competia a ele decidir, talvez lhes fizesse bem — a eles e à Rússia — ouvi-los e saber o que tinham para dizer, mas de qualquer forma o princípio do clube P.E.N. era que nenhum artista ou escritor genuíno, quaisquer que fossem as suas convicções sociais ou políticas e as implicações das mesmas, devia ser excluído da sua filiação. Trouxera-lhes a minha proposta e prometera deixar uma versão escrita para ser apresentada ao próximo Congresso dos Escritores Soviéticos. Se escolhessem entrar na confraria liberal dos clubes P.E.N., muito bem. Se não o fizessem, eu faria o possível para tornar conhecida a sua recusa. A longo prazo, seria o movimento intelectual russo a sofrer mais com essa insistência em fazer das suas relações culturais com o exterior uma via de sentido único, uma emissão de tudo quanto a Rússia julgasse digno de dizer ao mundo e a recusa de qualquer retorno crítico. A humanidade poderia, enfim, até aborrecer-se de uma Rússia soviética conscientemente heróica e inconscientemente mística, com cera nos ouvidos.

Mais tarde encontrei uma atmosfera algo diferente na casa de Alexis Tolstói em Detskoie Seló (que é Tsarskoie Seló rebaptizado). Também ali encontrei vários escritores e expus esta ideia de uma ténue teia de sociedades por todo o mundo associadas para afirmar a liberdade e a dignidade da arte e da literatura. Sempre houve um contraste muito acentuado —

mental, temperamental e político — entre Leninegrado e Moscovo. O porte das duas populações é muito diferente, e a antiga capital possui uma dignidade fria, do século XVII, e uma qualidade setentrional que se destaca vivamente da azáfama desordenada das ruas, da animação de bazar de Moscovo. Mesmo a

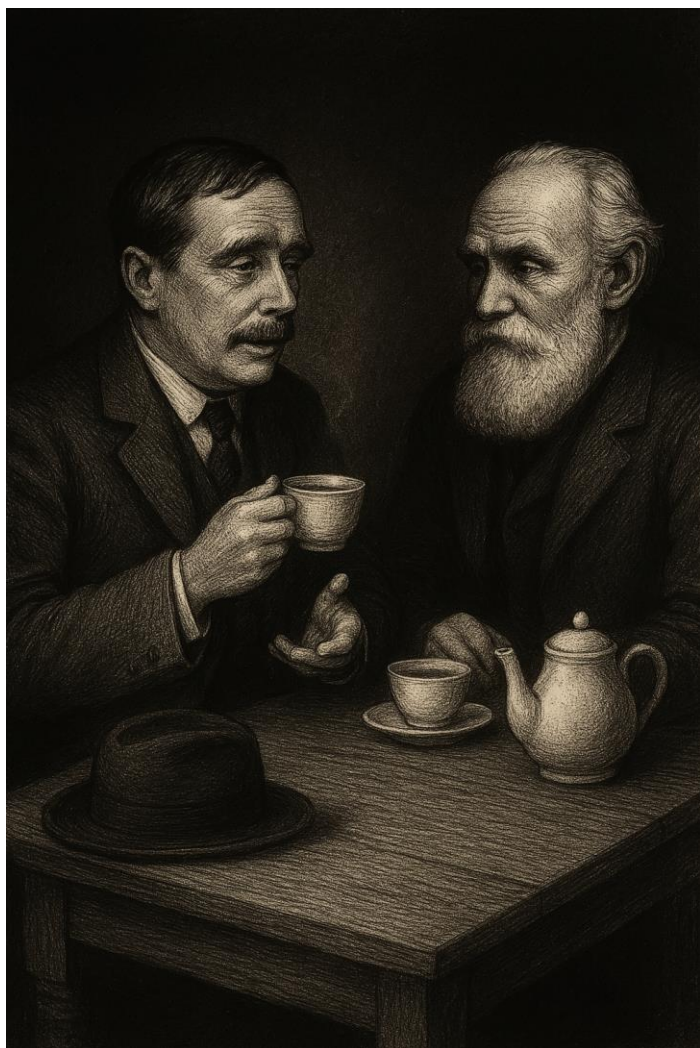
religiosidade da nova fé tem aí um timbre distinto. Não há na cidade do norte nada com o valor emocional do túmulo de Lenine, e o museu do Anti-Deus, na grande igreja de Santo Isaac, em frente ao Hotel Astoria, é uma mera zaragata argumentativa no seio da vasta e fria magnificência daquele templo sempre tão despido de espírito. O cristianismo nunca estivera vivo em Leninegrado como o estava no santuário da Virgem Negra, em Moscovo — nem o novo credo vermelho aí respira a mesma intensidade.

Talvez tenha exposto melhor o meu caso aos escritores de Leninegrado, depois da experiência na vivenda de Gorki, mas não encontrei neles nem a suspeição nem os preconceitos rígidos desse primeiro encontro. Estavam inteiramente dispostos a aceitar o universalismo da proposta do P.E.N. e a afirmar a superioridade da livre expressão científica e artística sobre as considerações de conveniência política. Prometeram apoiar o meu memorando ao próximo Congresso dos Escritores Soviéticos, propondo a constituição de um centro russo do P.E.N., aberto a todos os matizes de opinião, e aguardarei com vivo interesse o relato do seu confronto com a intolerância determinada dos cérebros moscovitas. Mas, no momento em que escrevo, esse Congresso ainda não se reuniu.

Debati ainda com Gorki a questão do controlo da natalidade, pois ele, como muitos outros entre os dirigentes russos, num amálgama de patriotismo subconsciente e optimismo criador, defende uma Rússia com quatrocentos ou quinhentos milhões de almas, independentemente de como haja o resto da humanidade. A Rússia poderá desejar soldados para defender o seu russismo — o que equivale exactamente

às razões de Mussolini para condenar o pensamento do controlo de natalidade em Itália. Noutros tempos, Gorki era um tenebroso pessimista com gosto pelas cores sombrias, mas agora o seu optimismo tornara-se ilimitado. Sob a bandeira vermelha, a terra pode sustentar uma população crescente, parecia argumentar, até que se esgote o espaço onde assentar os pés. Para o proletariado sob o novo regime, como outrora para Deus, nada é impossível. Onde houver bocas, haverá pão. Os homens de ciência soviéticos, imagina ele, podem sempre ser instruídos e, se necessário, disciplinados para tal efeito.

No gabinete de Gorki havia um grande volume de projectos que ele me impôs. Eram os planos de um palácio da ciência biológica de esplendor quase inacreditável. Ultrapassava os mais arrojados edifícios do czarismo. Quinhentos (ou seriam mil?) estudantes de investigação estrangeiros estariam sempre aí a trabalhar. Entre outras actividades. "Onde é isto?", perguntei. Ele abriu um mapa de Moscovo e indicou o local exacto. Disse que gostaria de o ir ver. Mas ele sorriu: ainda não estava pronto para ser visto. Tive um lampejo de compreensão. "Gostaria de ver as fundações." Mas ainda nem sequer começaram os alicerces! "Hás-de vê-lo", disse Gorki, "quando voltares. É apenas um dos muitos estabelecimentos vastos de investigação e ensino que estamos a construir. Não deves ter qualquer receio quanto à qualidade do trabalho científico na Rússia soviética ou quanto à sua capacidade de responder a todas as exigências que sobre ela recaírem. Basta que vejas estes planos."

Sair de Gorki — que evocava a biologia numa terra de literatura vigiada, acenando-lhe com um desenho de

arquitecto — para ir ver algum do mais significativo trabalho biológico do mundo realmente em curso foi um alívio imenso. Refiro-me ao novo Instituto de Genética Psicológica de Pavlov, nos arredores de Leninegrado. Este já se encontra em funcionamento e continua a expandir-se rapidamente sob a direcção do

seu fundador. É o mais desprovido de grandiosidade e o mais prático conjunto de edifícios de investigação do mundo. A reputação de Pavlov constitui um trunfo imenso para o prestígio soviético e, hoje em dia, concedem-lhe praticamente tudo quanto ele solicita em termos materiais. Isto, ao menos, é mérito deste governo.

Encontrei o velho em vigorosa saúde e levou-me, juntamente com o meu filho biólogo, de um edifício a outro a passo acelerado, expondo com grande animação os seus novos trabalhos sobre a inteligência animal. O meu filho, que sempre seguiu de perto a sua obra, interpelava-o com perguntas vivas. Depois sentámo-nos em casa, à volta de copos de chá, e ele falou ainda durante duas horas. É rosado e de cabelo branco; se Bernard Shaw cortasse e escovasse o cabelo e a barba, mal se distinguiriam. Tem oitenta e cinco anos e quer viver até aos cento e cinco — só para ver como hão-de terminar os trabalhos que tem em mãos.

O meu filho e eu havíamos visitado Pavlov em 1920 (*Russia in the Shadows*), quando o Gip ainda era estudante em Cambridge, e por isso era natural que uma comparação entre a Rússia de 1920 e a de 1934 surgisse inevitavelmente no curso da conversa. Repreendeu os dois assistentes comunistas que se encontravam à mesa connosco. Falou, na verdade, como nenhum outro homem na Rússia seria autorizado a falar. Até ao momento, disse ele, o novo regime não produzira quaisquer resultados dignos de consideração. Continuava a ser uma vasta e desajeitada experiência, sem os controlos devidos. Poderia vir a ser um sucesso com o tempo, era sem dúvida um incómodo considerável para pessoas decentes com gostos antiquados, mas por agora nem havia tempo

nem liberdade para que se pudesse julgar o que quer que fosse. Parecia-lhe que havia muito pouca vantagem em substituir o culto do crucificado pelo culto do embalsamado. Quanto a ele, continuava a ir à igreja. Era, dizia, um bom hábito. Proferiu um discurso inteiramente do meu agrado sobre a necessidade de liberdade intelectual absoluta, se se quisesse garantir o progresso científico ou qualquer outra forma de progresso humano. E quando lhe perguntei o que pensava do materialismo dialéctico, trocou comigo gestos de escárnio, e ficou-se por aí. Não se incomoda com observâncias menores; continua a datar pelos antigos nomes dos dias da semana, e o seu modo de vida, sempre muito simples, transita com ele, tal como os seus magníficos trabalhos de investigação, quase sem alteração alguma, desde os tempos anteriores à grande mudança. Havia, a propósito, uma sala de brincar com uma verdadeira preceptora para os seus dois netos! Duvido que exista outra preceptora em território soviético. Quando saímos, o meu filho disse-me: "foi curioso passar uma tarde inteira fora da Rússia soviética."

Pensei que era um bom comentário. Mas se estivéramos fora da Rússia soviética, onde teríamos estado então? Essa era uma pergunta mais difícil. Não era o Passado. Seria uma pequena ilha de liberdade intelectual? Um fragmento da república mundial da ciência? Um vislumbre do futuro? Mas no fim decidimos que era simplesmente Pavlov.

Se tive de falar com Estaline, com Gorki, com Alexis Tolstói e com Pavlov através de uma espécie de grade verbal, havia outras pessoas com quem se podia falar inglês, e que, deliberadamente ou não, expunham aspectos secundários mas intensamente reveladores da

nova Rússia. Parece indiscutível que, se os controlos políticos tendem a ser excessivos e opressivos, o esboço do plano material — pelo menos tal como se o vê em Moscovo, pois de Leninegrado não vi coisa alguma da sua planificação — é apressado, amadorístico e, por vezes, de uma incompetência chocante. A desproporção é visível por todo o lado, e durante os meus dez dias de estadia muitas ineficiências se impuseram à minha atenção, sem que sequer as procurasse; há, por exemplo, ainda escassez de papel para imprimir mesmo os livros mais procurados, e o papel utilizado é muitas vezes semelhante a papel de embrulho fino; trabalhos educativos de importância vital estão assim comprometidos; o trânsito nas ruas de Moscovo, embora não tenha nem de perto o volume do de Londres ou Paris, está desorganizado e é perigoso, e se alguém não pertence à classe que usa automóveis — pois ainda existem classes desse tipo — deslocar-se torna-se penoso e exasperantemente lento; a distribuição de bens, por meio de uma variedade de lojas com preços distintos e utilizando diferentes tipos de moeda, é escandalosamente inconveniente. Moscovo cresce muito rapidamente e a sua reorganização e reconstrução pareceram-me mal concebidas. Como outras grandes cidades possuem um sistema de metropolitano, também Moscovo está a construir um, imitativo, embora o seu solo aluvial e saturado de água seja altamente impróprio para as galerias que estão a escavar a cerca de trinta pés de profundidade. Será o metropolitano menos estável do mundo[3], e é evidente que o problema deveria ter sido

[3] O tempo demonstrou que Wells se enganava neste aspecto, o sistema de metropolitano de Moscovo sobreviveu a Estaline e é dos mais funcionais e belos do mundo. - NDT

abordado por outra via, mais original. Disseram-me, alguns em tom de justificação, que o que se está a fazer em Moscovo não representa o verdadeiro esforço russo; que em diversos pontos — geralmente distantes — se alcançam prodígios. Mas suponho que lá haverá o mesmo tipo de gente que aqui em Moscovo, e aqui, como planificadores e construtores, estão muito longe de ser prodigiosos.

A grande realização do novo regime, afinal de contas, é a profunda mudança na postura da nova geração, que sacudiu de vez as tradições de servidão e encara o mundo com ousadia. A par disso — e, na verdade, como parte integrante —, está a "liquidação do analfabetismo". Mas serão estes avanços inéditos? O povo comum dos Estados Unidos da América já era livre, igual e confiante, nos tempos de simplicidade, há cem anos. E tinham as suas escolas públicas. Não é, verdadeiramente, nada de miraculoso ser quase o último país da Europa a corresponder à necessidade de um cidadão comum que saiba ler. Estes jovens nada sabem do resto do mundo. "Mas esperai para ver o que estes jovens farão", interpola o meu guia bolchevique. Cem anos atrás, a América era precisamente uma terra promissora.

Ainda mais próxima desta transformação russa nos modos e maneiras foi a rápida instauração de frases e atitudes igualitárias após a primeira Revolução Francesa. Nem a democracia americana nem a francesa impediram o desenvolvimento posterior de desigualdades de poder e fortuna. À aristocracia sucedeu a plutocracia. "Desta vez", dizem os bolcheviques, "protegemo-nos contra qualquer recaída semelhante." Mas, ainda que tenham abolido o lucro e a especulação, não aboliram outras formas de

privilégio. O seu obscurantismo defensivo gera precisamente as sombras onde novas infracções à dignidade humana podem surgir. À medida que o entusiasmo revolucionário inicial se esvai, o oficialismo, protegido da crítica independente, tenderá inevitavelmente à auto-indulgência e ao privilégio. Por toda a Moscovo e Petrogrado, pode subornar-se com moeda estrangeira devido ao absurdo sistema Torgsin, e a população por todo o lado aprende a saltar rapidamente, com deferência, da frente de um automóvel Lincoln conduzido com agressividade. A propaganda comunista satisfaz-se consigo própria, em demasia, quanto à intensidade e à singularidade da sua revolução.

A referência constante, por parte dos que me guiavam, a algo "lá longe" ou que há-de vir "amanhã", fazia-me lembrar o *mañana* espanhol. "Volte a visitar-nos daqui a dez anos", dizem-me sempre que se revelava alguma insuficiência. Se se observa que um novo edifício é frágil ou tosco, garantem que é só uma estrutura temporária. "Não nos importamos de voltar a deitar abaixo", explicam. O impulso de deslocar coisas e de as desmontar parece mais forte do que o impulso de construir. Estão a transferir a Academia das Ciências de Leninegrado para Moscovo, sem razão que eu consiga entender. Talvez seja para tornar mais eficaz o controlo do pensamento científico geral. Um Pavlov basta-lhes; não desejam qualquer renascimento daquele antigo espírito radical, com a sua crítica sem freio, o seu cepticismo e o seu escárnio. Querem os seus homens de ciência como abelhas laboriosas, mas sem ferrão, e a viver na colmeia de Gorki.

Quando Bubnov, o Comissário da Instrução Pública, se despediu de mim diante de uma

encantadora exposição de pinturas originais feitas por crianças — muito semelhantes às pinturas infantis exibidas em qualquer outro país do mundo —, irrompeu em alegres antevisões da vida que esta nova geração haveria de levar numa Rússia reconstruída. “Tudo isto”, disse ele, apontando para um monte desordenado de entulho de obras que soterrava um pequeno jardim diante de nós, “é temporário.” Os construtores do novo metropolitano tinham, ao que parece, feito aquela lixeira e depois ausentaram-se por uns tempos. “Isto costumava ser um parque bonito”, disse Bubnov. Mas tudo estaria bem dali a dez anos.

Bubnov e Estaline são hoje dos últimos sobreviventes entre os líderes que efectivamente combateram na revolução, e disse-me que ambos tencionavam viver até aos cem anos apenas para ver chegar a colheita da prosperidade russa. Mas, a par das crianças das escolas-modelo, há também por toda a parte inúmeros pequenos maltrapilhos inexplicáveis que esvoaçam pelas ruas. Se Estaline e Bubnov vivessem até aos duzentos, creio eu, a Rússia continuaria ainda a ser a terra das promessas meio cumpridas e dos desvios erráticos em direcção a novos recomeços. Saí da Rússia com uma sensação aguda de frustração e de desilusão quanto ao meu sonho de conseguir algo de válido na definição de um entendimento entre os impulsos revolucionários, essencialmente distintos, que tendem para um socialismo organizado, tanto na América como na Rússia. Seguirão certamente caminhos separados e divergentes, com o máximo de incompreensão mútua, ao menos até surgir um novo tipo de inteligência a dominar a vida intelectual do Comunismo. Se eu soubesse falar russo, ou se tivesse sido bastante hábil

para perverter a fraseologia marxista à maneira de Lenine, talvez pudesse ter-me aproximado do meu intento. Talvez conseguisse um contacto real com alguma mente — senão com a mente dirigente, ao menos com uma mente. Fui claramente vencido num empreendimento demasiado grande para mim.

Ao reflectir, já no avião de regresso, senti que a Rússia me tinha desiludido, quando, na verdade, o que se passou foi que permiti à minha índole impaciente e demasiado optimista antecipar entendimentos e clarividências que não poderão surgir senão dentro de muitos anos. Nunca conseguirei imaginar que aquilo que me parece evidente não o seja também para toda a gente. Parti com a intenção de encontrar um atalho para a Conspiração Aberta, e descobri que, com os modestos recursos de que disponho, não há atalho algum para essa Conspiração Aberta.

Esperava encontrar uma nova Rússia a agitar-se no sono, prestes a despertar para a Cosmópolis — e encontrei-a a afundar-se cada vez mais fundo no sonho entorpecente da autossuficiência soviética. Encontrei a imaginação de Estaline encerrada num invencível enquadramento, imutável, e aquele antigo radical, Gorki, magnificamente instalado como uma espécie de mestre do pensamento russo. Talvez não haja, de facto, atalhos nos assuntos humanos; cada qual vive no seu mundo e entre as suas viseiras, sejam elas largas ou estreitas, e tenho de me consolar, tanto quanto possa, pelo meu fracasso em obter qualquer resposta da Rússia, com os pequenos e ocasionais sinais de um entendimento contemporâneo em expansão que se manifestam na nossa própria vida ocidental. Houve sempre, para mim, uma certa magia imaginativa associada à Rússia, e lamento a deriva desta grande

terra para um novo sistema de falsidade, como um amante lamentaria o afastamento da sua amada.

A verdade persiste: hoje, nada se interpõe entre nós e a conquista da liberdade e da abundância universais, senão os enredos mentais, as preocupações egocêntricas, as obsessões, as frases mal concebidas, os maus hábitos de pensamento, os receios e pavores subconscientes, e a simples desonestidade nas mentes humanas — especialmente nas mentes daqueles que ocupam posições-chave. Essa liberdade e abundância universais pairam ao nosso alcance, e não são atingidas; e nós, que somos Cidadãos do Futuro, vagueamos por esta cena presente como passageiros num navio em atraso, com o porto à vista, a escassas milhas, impedidos de entrar apenas por uma desordem na sala dos mapas. Embora a maioria das pessoas em lugares-chave no mundo me sejam, em maior ou menor grau, acessíveis, falta-me o poder de dissolução para as pôr em uníssono. Posso falar-lhes, até perturbá-las um pouco — mas não consigo forçá-las a ver com clareza.